



UMA IGREJA INCLUSIVA NA PARADA: RELIGIÃO, VISIBILIDADE E POLÍTICA DA/NA DIVERSIDADE

Fátima Weiss de Jesus¹

Igreja Inclusiva é o termo êmico e controverso, pelo qual se designam as igrejas, que em geral pode ser definido nos termos de compatibilizar sexualidades não heterossexuais e religiosidades cristãs. As igrejas inclusivas são um fenômeno recente no Brasil, surgido a partir do final dos anos 1990 com a articulação de alguns grupos que discutiam religião e homossexualidade a partir da experiência de LGBTs em suas igrejas de origem. Mas é somente a partir do início dos anos 2000 que acontece uma proliferação de diversas denominações religiosas inclusivas no Brasil.

A presente comunicação visa colocar em debate as primeiras impressões da pesquisa etnográfica que realizei numa das igrejas inclusivas em São Paulo para minha tese de doutorado² destacando pontualmente aspectos da observação sobre a participação desta igreja inclusiva na Semana do Orgulho LGBT de 2009 e 2010 em São Paulo.

As reflexões aqui iniciadas buscarão novas pistas no entendimento das estratégias de legitimação social e religiosa na articulação política por cidadania, que inclui sobretudo os “direitos sexuais” para LGBTs.

Pra tal num primeiro momento farei uma breve contextualização sobre a Igreja da Comunidade Meropolitana em São Paulo – a ICM-SP. Desenvolverei a descrição etnográfica sobre a participação da ICM-SP na semana do orgulho LGBT em São Paulo no ano de 2009 mencionando brevemente a participação da ICM na parada de 2010 e finalmente procurarei tecer algumas questões que possam contribuir para o diálogo proposto neste GT.

Uma Igreja Inclusiva

A instalação oficial da ICM no Brasil, como Igreja da Comunidade Metropolitana acontece do ano de 2006 a partir da ICM de São Paulo, estando ligada a FUICM (Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana) apesar de diversos grupos terem se reunido a partir do conhecimento de sua Matriz americana ao longo das décadas de 1990 e 2000. Atualmente no Brasil

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social- PPGAS/UFSC. Email: fatimaweiss@hotmail.com

²Pesquisa realizada com apoio do CNPq. Sob orientação da Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi.



é presente nos Estados do Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e São Paulo³.

A ICM - SP intitula-se uma “Igreja Cristã Inclusiva”, contrapondo-se a identidade “evangélica” e considera-se herdeira de um movimento “cristão gay” que tem início nos Estados Unidos no final da década de 60 com a fundação da Metropolitan Community Church. Possui hoje cerca de 50 membr@s cadastrados e um público flutuante bastante grande a maioria composta por homens homossexuais.

Elegi a *Igreja da Comunidade Metropolitana no Brasil – ICM* como *locus* privilegiado de minha pesquisa etnográfica, pois na ocasião me pareceu ser a mais institucionalizada organizada e a que possui o maior número de membros no Brasil (Rodrigues 2007), além estar presente em um grande número de países e contar com mulheres em sua hierarquia. Também foi fundamental para a escolha a minha percepção de que as questões ligadas à sexualidade e relações de gênero nesta igreja eram bem diversas daquelas encontradas por Marcelo Natividade (2008) em sua etnografia sobre uma igreja inclusiva no Rio de Janeiro.

Desde que iniciei a pesquisa em setembro de 2008 até o primeiro domingo do mês de junho, (em que ocorreu a Parada de 2010) a ICM-SP estava sediada na região central de São Paulo próximo a Liberdade. O prédio de três andares, então abandonado, foi cedido pela prefeitura de São Paulo em 2008 para a Aprove - Associação Pró-falsemicos, organização ligada ao movimento negro, que “convidou” a ICM que dividia espaço com o grupo CORSA (Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor)⁴ em outro bairro e enfrentavam dificuldades financeiras e ambos inicialmente ocuparam dois andares do prédio. Em meados de 2009 o CORSA deixou o espaço físico compartilhado com a ICM e os membros da igreja desvincularam-se da diretoria do grupo de ativismo LGBT. Concomitantemente o reverendo responsável pela ICM-SP começava a viajar pelo Brasil divulgando a Associação das ICM no Brasil, segundo ele “braço social” e militante da igreja que iniciava sua articulação neste momento.

Minhas inserções em campo colocaram em evidência a narrativa da região como “um espaço degradado” da cidade, pois na rua onde se localiza o prédio da igreja há inúmeras construções que

³ http://www.icmbrasil.com/novoportal/index.php?option=com_content&view=article&id=61&Itemid=54

⁴ Este grupo foi o foco da etnografia realizada por Regina Fachini em meados da década de 90. O CORSA é um grupo do movimento homossexual, “referência em ativismo e educação voltada para a homossexualidade” (FACHINI, 2005), criado na década de 90 e que mantinha relações com o Caheusp. A mudança recente, relatada pelo pastor da ICM-SP, colocou no mesmo espaço físico o Grupo CORSA e a ICM, mas as relações de proximidade e distanciamento entre os participantes dos dois grupos remonta a década de 90, antes da fundação da ICM. Já estiveram entre os membros da diretoria do grupo CORSA o reverendo e um diácono da ICM-SP.



foram ocupadas por moradores sem teto. A ICM realizou “trabalhos sociais” pontuais com a população circundante, mas ela não frequenta os cultos da igreja.

Uma das questões levantadas pelo próprio grupo, seria a inserção da Igreja nos espaços mais próximos das “baladas” GLS na cidade de São Paulo, como a “Vieira de Carvalho”. Por diversas vezes esse desejo foi expresso por diferentes membros e líderes da ICM-SP, algumas delas seguidas de comentários ao filme “Orações para Bobby” (2009), no qual a uma igreja MCC (Metropolitan Community Church) fica localizada em um espaço de bares e boates GLS numa cidade dos EUA. O que aponta para uma significativa matização da fronteira entre o nós- os cristãos- e o mundo, encontrada em grande parte das igrejas evangélicas e também em algumas igrejas inclusivas.

Em Junho de 2010 a ICM-SP muda seu templo para um salão alugado em Santa Cecília, aproximando-se dos ideais de inserção em locais de sociabilidade LGBT (como bares, boates) e espaços de prostituição de travestis e *boys*.

2009: Visibilidade e Política

A participação da ICM-SP na semana do orgulho LGBT em São Paulo, não se deteve apenas a panfletagem na parada como pude observar. A ICM-SP organizou pelo segundo ano consecutivo a celebração da “benção de união homoafetiva” coletiva. Em 2008 dois casais (um gay e um lésbico) receberam a benção, entre os noivos estava o presidente do grupo CORSA. Sueli e Rosana⁵, o outro casal que celebrou união em 2008 contou-me que foi através da cerimônia que tornaram pública a sua relação, com o apoio da ICM. O evento teve uma grande cobertura na imprensa, os vídeos das reportagens e as matérias impressas, ainda circulam nas páginas da Internet d@s membr@s da Igreja (do Orkut, Blogs, sites da Igreja).

Em 2009 a ICM-SP celebrou a união coletiva de três casais lésbicos e um gay. Essa celebração coletiva às vésperas da parada é realizada como ato político, já que a igreja celebra “casamentos” durante todo o ano àqueles que desejarem e diversos lugares do país, não sendo exigido que as pessoas sejam membr@s da ICM.

Procurei estar entre as pessoas, seja nos espaços de bastidores dos eventos, nas ruas, no metrô, como em todas as vezes em que estive na ICM-SP. Para acompanhá-los até o local da Benção de União Coletiva fui até a casa do Reverendo, onde um grande número de pessoas preparava-se para a cerimônia. Nesta ocasião, pude perceber entre as conversas, uma grande

⁵ Os nomes de todas as pessoas citadas no texto são fictícios. Nos casos em que há atribuição de posição na Igreja (Reverendo, Pastor, Diácono, Ministro de louvor, etc.) eu a utilizei como referência.



expectativa em relação ao evento e a visibilidade (política) que este poderia dar a Igreja. O diácono me contava que iria “trazer a palavra” na cerimônia e que estava naquele momento preocupado com a produção de uma “teologia inclusiva” no Brasil e procurava fazer leituras e interpretações *queer* do texto bíblico, quando pregava em algum culto.

O Reverendo chamando-me para ir ao “casamento”, disse que naquele período a igreja esteve sempre lotada e em alguns cultos faltaram cadeiras/espço para sentar. Perguntei a ele se achava que havia relação com a aproximação da Parada e respondeu não saber, mas acreditava que fosse em função da sua atual visibilidade em encontros promovidos pelos governos municipal e estadual em SP.

Chegando em frente ao local da cerimônia percebemos a presença da imprensa e isso causou certa euforia entre os membros da igreja. O diácono disse: “Gente que luxo, eu quero entrar dando close! Lindamente”. Todos especulavam: “E a Record? É, é a Globo! É o SPTV”!

Fica evidente que a articulação deste evento religioso é dentro da parada de São Paulo como um momento de visibilidade, seja pelo *close* ou pelo seu lugar político que a ICM ocupava naquele momento em São Paulo.

Ao entrar, percebi o grande salão cuidadosamente ornamentado com flores do campo e detalhes em tule branco, depois soube e vi que tudo havia sido organizado e realizado pelos membros da própria igreja, que aos poucos ficava repleta de familiares, representantes do movimento, políticos e imprensa.

A cerimônia teve início com louvores entoados pela equipe de louvor da ICM-SP, seguidos da “palavra” trazida pelo diácono. Toda a celebração enfocava aquela cerimônia como “transgressora” e representativa de uma “virada” na “história brasileira”, cuja mensagem realizada pelo diácono articula elementos políticos, religiosos, morais e de visibilidade e cidadania:

Reunimo-nos aqui hoje para a celebração do amor que dentro de uma perspectiva contratual propõe uma relação marcada pela fidelidade, pelo companheirismo mútuo, pelo ato de compartilhar na conjugalidade a felicidade social. E fosse apenas isto, estaríamos em apenas um dos milhões de eventos definidos como casamento.

Esta noite e este evento trazem algo que repete o ano anterior: a bênção cristã sobre o casamento homoafetivo. Essa particularidade que chama para si o interesse do público presente deve-se ao caráter transgressor deste momento. Na sociedade brasileira, além de não haver o reconhecimento legal das uniões homoafetivas, há uma forte rejeição e condenação ao amor entre pessoas do mesmo sexo pelas instituições religiosas e seculares.

Duplamente negado: pela justiça e pela igreja, o amor contratual manifesto (...) é marcado pela transgressão.

E talvez, neste contexto do termo transgressão, façamos sentido as palavras do Cântico dos Cânticos que diz no capítulo 7 e versículo 6:

“Põe-me como selo sobre o teu coração,
Como selo sobre o teu braço,
Porque o amor é forte como a morte”.

Dado em sentido pejorativo em nossa cultura, o verbo transgredir possa não ser querido por muitos presentes. Contudo, quero recuperar esse verbo em sua ação que dá o tom certo ao ato do amor. Originado do Latim – transgredire – tem como sentido primeiro ir além, quebrar regras, desobedecer.



Moisés foi transgressor, quando, em nome de Deus, desafiou o poder de Faraó e a cultura escravista dos egípcios para libertar o povo de Israel.

Cristo foi transgressor, quando, na Cruz, rasgou o véu do templo e ultrapassou a lei judaica para garantir a salvação de graça a toda humanidade.

Martinho Lutero foi transgressor ao desafiar o poder da Instituição Católica e garantir o direito a fé a todas as pessoas sem ter de pagar indulgências.

Mahatma Gandhi foi transgressor, quando desafiou o poder colonizador da Inglaterra para garantir o direito a vida digna dos indianos.

Rosa Parks foi transgressora quando desafiou as normas racistas dos Estados Unidos para garantir direitos iguais entre brancos e negros.

Marthin Luther King foi transgressor ao combater o racismo nos Estados Unidos em defesa da igualdade pelos direitos civis.

Harvey Milk foi transgressor ao lutar pelos direitos LGBT's na Califórnia e combater a homofobia nos Estados Unidos.

Mãe Menininha do Cantua foi transgressora quando, contra uma cultura religiosa exclusivista e racista, defendeu o direito e lutou pela manutenção dos terreiros de Candomblé.

Nelson Mandela foi transgressor ao desafiar o apartheid na África do Sul, combatendo o racismo e defendendo a igualdade racial.

Irmã Dorothy foi transgressora ao desafiar fazendeiros e exploradores criminosos da Região Amazônica em defesa dos camponeses e da reforma agrária.

Pois é exatamente isso que fazemos neste dia: vamos além do que nos permite a lei brasileira, vamos quebrar a regra heteronormativa de nossa cultura e vamos desobedecer, em nome de Deus, o que nos é imposto pelas instituições religiosas, abençoando e reconhecendo a legitimidade do amor desses casais.

E fazemos isso não apenas como um ato militante ou um ato de protesto, mas pela força do amor que traz diante de nós cada um desses casais. Ao penhorar diante de Deus este amor, fazem-nos testemunhas desse ato transgressor que desafia a moral repressora, que desafia a própria história e que buscam para si a isonomia, legitimando o amor que já vivenciam entre si.

É por amarem-se que se dispõem publicamente a transgredir e contribuir para uma virada na nossa história brasileira. É por amarem-se que vão além do que é determinado socialmente como casamento. É por amarem-se que quebram e enfrentam as regras sociais. É por amarem-se que desobedecem a imposição das instituições para legitimar e declarar este amor publicamente. É este amor tão forte como a morte e tão real quanto a vida que possibilita a felicidade e a dignidade de se constituírem como um casal diante de Deus e da sociedade.

O Reverendo (...), como ministro instituído por Deus, abençoará a cada um destes casais. Mas que possamos nós juntos dispensar nossas bênçãos como forma de reconhecimento e de legitimação deste ato. Que (...) os [noivos], possam dizer neste momento:

“Põe-me como selo sobre o teu coração,

Como selo sobre o teu braço,

Porque o amor é forte como a morte”.

E que as bênçãos de Cristo que nos amou infinitamente dando sua vida para cada um de nós sejam manifestas na vida desses casais.

AMÉM!

Após a cerimônia - que seguiu com a troca das alianças, beijos e oração de bênçãos aos noivos - @s convidad@s foram receb@d@s no salão acima do auditório. A cerimonialista da festa foi a Drag Rosimere que animava os convidados entre as performances de cinco das “Drags da ICM”. Na festa, as pessoas convidadas circundavam o pequeno espaço de show, atentas e entusiasmadas, enquanto noivos, noivas e lideranças da ICM-SP concediam entrevistas⁶.

⁶ Uma reportagem feita pela rede de TV Bandeirantes foi veiculada nacionalmente no Programa “A noite é uma criança”, circulou amplamente da rede da ICM através do youtube (<http://www.youtube.com/watch?v=1Du4FyZQGvI>) e foi considerada positiva pelo grupo.



No dia seguinte dez noivas (entre lésbicas, travestis, gays e drags) marcharam na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo cujo tema era “Sem Homofobia, Mais Cidadania – Pela Isonomia dos Direitos!”. Formando um bloco à frente do carro da Associação da Parada de São Paulo as noivas e outros membros da ICM-SP seguiam empunhando faixas e bandeiras, panfletando e posando para fotografia, enquanto algumas lideranças da igreja, no carro, tomavam o microfone proferindo palavras de ordem em defesa da união civil e ao combate a homofobia.

E a parada foi o mote da união civil, ai tinha uma motivação mais política nós fomos todos de noiva com uma intenção, foi combinado aquilo. Ainda mais que eu fiz, se é pra fazer, eu quero fazer bem feito. Vamos tentar fazer uma noiva bonita, vamos tentar disfarçar a barba pra ficar legal. (Marcos, 43 anos, membro da ICM-SP)

Bastidores

Cheguei na Igreja por volta das nove horas da manhã, algumas mulheres (todas lésbicas) estavam auxiliando na “montagem” das noivas. Perguntei se eu poderia ficar ali, disseram que sim e logo Paula (travesti) perguntou se eu “sabia fazer o olho”, respondi que não e evidente foi sua decepção. Ao poucos comecei a ser chamada para prender grampos nos cabelos, perucas e arranjos de cabeça (fiquei abismada ao ver que usam base para unhas para fixar os cílios postiços).

Um rapaz, que não é Drag e nunca havia “se montado”, ficou muito feliz quando o corpete de seu vestido foi apertado formando um volume de seios. Seu companheiro que não estava vestido de noiva, passou a tratá-lo no feminino e atribuindo à sua noiva características como nervosismo, ansiedade e histeria, dizendo: “Meu esposo não é assim, mas ela é”.

Eu pensei que a minha presença não seria bem vinda nesse processo de desnudar-se e transformar-se em noiva, mas ao contrário, fui extremamente solicitada para colaborar e opinar sobre a roupa e a maquiagem das noivas. Em alguns momentos eu as decepcionava pois não tinha os talentos necessários para maquiagem e lidar com amarrações, pequenos botões dos vestidos de noiva e todos os detalhes que eram meticulosamente checados. Aquele feminino⁷ que esperavam de mim como dádiva (MAUSS, 2003) era muito mais exercido por elas que por mim.

Enquanto terminavam a montagem eu perguntava a cada um@ o que significava a sua participação como noiva na parada daquele ano como membr@ da ICM. A grande parte das noivas suscitou um discurso de *igualdade de direitos*. “Nos pagamos nossos impostos, somos cidadãos, queremos os mesmos direitos” referindo-se a lei de união civil entre pessoas do mesmo sexo.

⁷ Feminino não é uma propriedade de mulheres, feminilidades (e masculinidades) e são entendidas como metáforas de poder que podem ser acionados por homens e mulheres (ALMEIDA, 2004). A questão não aponta apenas para hierarquias dentro de uma oposição hetero/homossexual, mas para uma gama de construções subjetivas e identitárias fluídas (BUTLER, 2003) que articulam gênero e sexualidade.



Algumas poucas remeteram aos estereótipos da noiva como um sonho a ser realizado. O escracho, a brincadeira, foram levantadas também como forma de reivindicação de direitos. “É uma brincadeira séria”, disse uma das noivas. Dentre as noivas o único casal de mulheres era Rosana e Sueli que havia recebido a benção no ano de 2008 na celebração coletiva e levantou também a necessidade de se fazer o registro civil da união e mostrando para mim o contrato registrado em cartório. A fala de ambas afirmava que mesmo que ainda não haja lei é preciso que as pessoas “litem por seus direitos”, elas contaram que conseguiram na justiça que o plano de saúde de uma delas fosse estendido a sua companheira.

O reverendo afirmou que a participação da ICM na parada com “as noivas” era um protesto, uma manifestação em nome da ICM e que dias antes o diácono tinha reunido as pessoas para falar da importância dessa mobilização mas “elas já tinham tudo na ponta da língua”.

Na estação de metrô o grupo chamava atenção mesmo daquelas pessoas que se dirigiam à Parada. Uma das noivas encontrou alguém conhecido e disse “não tá me reconhecendo?! Sou eu, o fulano”, evidenciando que algumas das noivas não “se montam” com frequência, apenas em momentos definidos como “especiais” da igreja (festas, comemorações e nos retiros no chamado “show de talentos”) como a participação na parada, enquanto que outras são drags, detêm um saber e fazem circular a dádiva do feminino entre @s que são iniciados na “montagem”, tornando-se Drags em determinados momentos na/para a Igreja.

Na Paulista, sobre a Paulista

Da estação de metrô Paraíso seguimos em direção ao local de concentração em frente ao prédio da Gazeta, andamos cerca de dois quilômetros e as noivas eram fotografadas e paradas para posar com as pessoas. Lá chegando algumas pessoas da igreja já esperavam, o Reverendo reuniu tod@s em um grande círculo e realizou uma oração pedindo que *Deus* abençoasse aquele momento, muitas pessoas ficaram em volta observando.

Chegando em frente ao carro, as noivas fizeram uma espécie de pelotão de frente e as demais pessoas ficaram encarregadas de distribuir panfletos. Oscilei entre entregar panfletos – pois eu tinha recebido um pouco deles e entendi que queriam que eu o fizesse- e observar o que acontecia em várias frentes: a movimentação no carro da Associação da Parada (onde estava o diácono, representando a ICM); a atenção dispensada às noivas que eram chamadas para conceder entrevista; a panfletagem. Ao poucos fui ouvindo o que as pessoas diziam quando entregavam os panfletos. Um casal de mulheres jovens dizia, em tom de brincadeira: “Quer casar? Vem visitar a



nossa igreja” ao entregar folheto. Aliás elas estavam muito preocupadas se seriam filmadas pois as pessoas de sua cidade não sabiam que elas eram “casadas”. Outras pessoas diziam “Jesus te ama” enquanto distribuía o panfleto que estampava uma bandeira com cruz e arco-íris.

Além da ICM também estavam na Parada a CCNE- Igreja Comunidade Cristã Nova Esperança, que empunhava cartazes altos e a Igreja Paratodos que distribuía panfletos, mas não era fácil localizá-las pois seus participantes não andavam em bloco como a ICM-SP.

Era possível perceber enquanto entardecia que o clima ficava diferente, havia muitas pessoas alcoolizadas, algumas meninas que estavam no grupo da igreja foram agarradas por um grupo de homens e eu resolvi entrar na estação do metrô. Depois, no culto soube que todos os participantes foram logo embora, não estando mais presentes na dispersão quando muitas pessoas foram agredidas.

No culto daquela noite, intitulado “Culto do Orgulho LGBT” as falas sinetizavam o que representava para a ICM sua participação na Parada. O Reverendo iniciou afirmando que estavam “felizes e cansados” e que a parada foi um momento de união e uma oportunidade para “falar de nossa proposta teológica” e agradeceu pelas “pessoas que tem se prontificado a levar a mensagem do Seu (de Deus) amor”. O ministro do Louvor disse que a ICM “vai provocar um abalo no noticiário, no mundo”. O diácono compartilhou no púlpito que “pegou” o microfone da DJ que tocava no carro da Associação da Parada para falar da ICM e contra a homofobia, disse que quanto mais falarem, mais violência haverá, mas que não devem se calar (em referência aos ataques no final da Parada).

O reverendo enfatizou que a presença da Drag Rosimere na feira cultural LGBT (ocorrida naquela semana), fez com que muitas travestis, outras drags e “as mais pintosas” se aproximassem do estande da igreja, e concluiu dizendo que a ICM deve trabalhar para que “toda a diversidade possa ser incluída” e pediu para que todos continuassem construindo “um reino de amor, de inclusão radical”.

2010: ICM e Política (Pública)- Algumas considerações

Em 2010, as relações entre a ICM-SP e os governos Estadual e Municipal tornaram-se mais mais próximas. O reverendo da ICM-SP participou nos anos de 2009 e 2010 das campanhas de divulgação da lei estadual 10.948/2001 (conhecida agora como lei contra a homofobia) promovida pela Coordenação de Políticas para Diversidade Sexual da Secretária de Justiça e Cidadania do Governo Estadual. Em 2010 o diácono e o reverendo da ICM-SP tornaram-se parte do Conselho



Municipal de Atenção à Diversidade Sexual, um órgão consultivo e vinculado à Coordenadoria de Assuntos de Diversidade Sexual (CADS), da Secretaria de Participação e Parceria da cidade de São Paulo. A participação da ICM-SP na Parada cujo tema foi “Vote contra a homofobia: defenda a cidadania!”, repetiu a manifestação com as noivas, desta vez dez homens e uma mulher desfilaram no alto do carro da CADS, com outros membr@s da ICM-SP que empunhavam banderias da Igreja, do arco-íris (com a cruz) e atiravam panfletos para a multidão do alto do carro, enquanto outr@s membr@s da igreja desfilaram *no chão* próxim@s ao carro, fazendo a panfletagem.

Estas relações mais próximas entre a ICM-SP e setores governamentais voltados às políticas públicas LGBTs, indica a participação da Igreja na cena política de forma autônoma como mais uma componente entre agentes (ONGs e outros coletivos de ativismo e militância LGBT) que configuram o movimento LGBT em São Paulo. Como se dão essas relações? Há tensões? O que a inserção da ICM nestes meios pode significar para as discussões sobre “direitos sexuais”?

Bibliografia

- ALMEIDA, M.V. Quando a máscara esconde uma mulher. In: *Outros destinos: Ensaios de Antropologia e Cidadania*. Porto: Campo das Letras, 2004. pp-211-222.
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.
- FACHINI, R. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e a produção e identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva: Forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. pp-185-318.
- NATIVIDADE, M.T. *Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil*. 2008. Tese doutorado Antropologia e Sociologia-UFRJ, Rio de Janeiro.
- RODRIGUES, E. L. *As Igrejas Inclusivas: O Movimento Homossexual buscando seu espaço no meio evangélico*. 2007. Apresentação Oral. XIV Encontro Nacional da Abrapso, São Paulo.